



Homens & Lobos

Arte com lobos

O lobo, animal que desde há muito tem uma grande distribuição por todo o globo, foi parte da vida e da arte de inúmeros povos primitivos. Mesmo na Península Ibérica: junto a Ciudad Rodrigo é ainda hoje visível uma imagem paleolítica de um lobo, dentro de um auroque; no Vale do Côa, existe uma gravura que, de acordo com os especialistas, ilustra um homem com cabeça de lobo.

Depois, o Cristianismo, seguindo as 13 menções bíblicas ao lobo, todas de cariz negativo, consolidou o novo papel deste predador na Arte europeia: durante séculos, surgiu apenas como símbolo maligno, exemplo das adversidades causadas pela Natureza, ou sob a forma do temido lobisomem – apenas milagres como o de S. Francisco de Assis e do lobo de Gubbio fugiram à regra. Mesmo o grande pintor de animais do século XX, o alemão Franz Marc, só pintou lobos como emblemas do espírito guerreiro que levaria à I Grande Guerra.

Em dias recentes, com a opinião pública mais sensível às ameaças sofridas por esta e muitas outras espécies, o lobo voltou a ser retratado sob uma luz positiva. Até em exagero: a maioria das representações artísticas actuais de lobos são meros pastiches, visões ditas “espirituais” decalcadas da Arte primitiva.

Uma bela excepção está desde Abril à vista de todos os que passem pelo Largo da Estação, no Fundão: uma enorme escultura a representar um lobo, da autoria do artista português Bordalo II.

Este *street artist* de 29 anos usa como matéria-prima objectos descartados, os restos inevitáveis de uma forma de vida dedicada à produção incessante, à acumulação e ao desperdício. Criando uma poderosa metáfora dos efeitos nefastos da sociedade de consumo sobre o nosso Ambiente, sobre todos os cidadãos do Planeta. As obras resultantes podem ser



vistas não apenas em Portugal (vide a coruja instalada na Covilhã, o grifo de Alcains e várias peças em Lisboa) mas por todo o mundo, da Estónia às Caraíbas.

“É uma série de trabalhos que visa chamar a atenção para um problema da actualidade que tende a ser esquecido e tornado uma banalidade ou um mal necessário – a produção de lixo, o desperdício, a poluição e os seus efeitos no nosso planeta. A ideia passa por representar uma imagem da Natureza, neste caso os animais, construída com aquilo que a destrói. Estas obras são construídas com materiais em fim de vida, muitos encontrados em terrenos baldios, fábricas abandonadas ou por aí, outros vou buscar a empresas que terão de se desfazer deles para uma possível reciclagem. Pára-choques acidentados, contentores do lixo queimados, pneus, electrodomésticos, são algumas das peças que conseguimos identificar quando olhamos mais profundamente sobre a peça, que tende a camuflar o fruto dos nossos hábitos com pouca consciência ecológica e social.” Assim nos descreveu o artista a génese dos seus “big trash animals”. Em Miami, por esta altura, está a nascer mais um.

Texto produzido no âmbito do Projecto LIFE Med-Wolf, co-financiado pela Comissão Europeia, integrando o programa LIFE.